

## I

## Nunca falem com desconhecidos

Ao pôr do Sol de um dia de Primavera invulgarmente quente, apareceram no lago do Patriarca, em Moscovo, dois cidadãos. Um deles, vestindo um fato cinzento de Verão, era baixo, gordo, calvo. Trazia na mão o seu respeitável chapéu de abas largas e na cara bem barbeada usava uns óculos anormalmente grandes com aros pretos de tartaruga. O outro, um jovem de ombros largos, cabelos arruivados e revoltos, com um boné de xadrez puxado para a nuca, vestia uma camisa de *cowboy*, calças brancas amarrotadas e sapatilhas pretas.

O primeiro era nem mais nem menos que Mikhail Alexándrovitch Berlioz, presidente de uma das maiores associações literárias de Moscovo, conhecida pela abreviatura MASSOLIT<sup>1</sup>, e editor de uma volumosa revista literária. O seu companheiro era o jovem poeta Ivan Nikoláevitch Ponirov, que escrevia sob o pseudónimo de «Bezdómni»<sup>2</sup>.

Chegados à sombra das tílias, que apenas começavam a verdejar, os dois escritores avançaram de imediato para um quiosque multicolor com a tabuleta: CERVEJA E ÁGUAS.

Sim, é preciso assinalar a primeira coisa estranha dessa horrível noite de Maio. Não apenas junto ao quiosque, mas em toda a alameda paralela à Rua Málaia Brónnaia, não se via uma única pessoa. A uma hora em que parecia que já não chegavam as forças nem para respirar, quando o Sol, depois de ter abrasado Moscovo, se escondera no nevoeiro seco algures para lá da Sadóvaia, não havia ninguém debaixo das tílias, ninguém sentado nos bancos. A alameda estava deserta.

— Dê-me uma água *Narzan* — pediu Berlioz.

— Não há *Narzan* — respondeu a mulher do quiosque, parecendo ofendida.

— Tem cerveja? — perguntou Bezdómni com voz rouca.

— Cerveja só trazem à noite — respondeu a mulher.

— Que tem então? — quis saber Berlioz.

— Sumo de alperce, mas está quente — disse a mulher.

— Bom, traga, traga, traga!...

O sumo de alperce produziu uma abundante espuma amarela e o ar ficou impregnado de um cheiro a barbearia. Depois de beberem, os escritores começaram logo aos soluços. Pagaram e sentaram-se num banco, voltados para o lago e de costas para a Brónnaia. E então ocorreu um segundo facto estranho, que envolveu apenas Berlioz. Deixou subitamente de soluçar, o coração saltou-lhe e parou por um momento, para logo voltar a bater mas com uma agulha espetada. Além disso, Berlioz foi tomado de um medo infundado, mas tão forte que teve vontade de fugir do parque sem olhar para trás. Olhou ansiosamente à sua volta, sem compreender o que o tinha assustado. Empalideceu, enxugou a testa com o lenço, pensando: «Que é que eu tenho? Isto nunca me aconteceu... o meu coração não está bem... estou extenuado. Talvez seja altura de mandar tudo para o Diabo e partir para Kisslovodsk<sup>3</sup>...»

E, nesse momento, o ar escaldante condensou-se à frente dele, e desse ar formou-se um cidadão transparente, de aspecto muito estranho. Trazia um boné de jôquei na cabeça pequena e vestia um casaquinho de xadrez apertado, também aéreo... Era um cidadão com cerca de dois metros de altura, mas estreito de ombros, incrivelmente magro, e, note-se, o seu rosto tinha uma expressão de escárnio.

A vida de Berlioz sempre decorrera de tal modo que não o preparara para fenómenos extraordinários. Empalidecendo ainda mais, arregalou os olhos e pensou, perturbado: «Isto não pode ser!...»

Mas, infelizmente, podia ser e era. O longilíneo cidadão, sempre transparente, oscilava à frente dele para a esquerda e para a direita.

O terror apoderou-se de tal modo de Berlioz que ele fechou os olhos. E quando os abriu, viu que tudo terminara, a figura dissolvera-se, o axadrezado desaparecera e, ao mesmo tempo, desapareceu a agulha romba que lhe ferrava o coração.

— Fu, diabo! — exclamou o editor. — Sabes, Ivan, ia tendo agora um ataque por causa do calor! Tive mesmo uma espécie de alucinação.

Tentou rir, mas a ansiedade ainda lhe pairava nos olhos e as mãos tremiam-lhe. Mas acalmou-se pouco a pouco, abanou-se com o lenço e, dizendo com bastante vivacidade: «Ora... pois...», continuou a conversa interrompida pelo sumo de alperce.

Essa conversa, como depois se soube, era sobre Jesus Cristo. O editor tinha encomendado ao poeta um longo poema anti-religioso para o próximo número da revista. Ivan Nikoláevitch tinha composto o poema, e até com muita rapidez, mas infelizmente o editor não tinha ficado nada satisfeito com ele. Bezdómni pintara a principal personagem do seu poema, ou seja, Jesus, com cores muito sombrias, e no entanto, na opinião do redactor, era preciso reescrever todo o poema. E agora o redactor fazia ao poeta uma es-

pécie de conferência sobre Jesus, a fim de sublinhar o erro fundamental do poeta.

Era difícil dizer o que é que precisamente traíra o poeta: se o poder imaginativo do seu talento ou o completo desconhecimento do assunto sobre o qual escrevia. Mas o Jesus que ele retratara era, digamos, como que uma personagem viva, embora não muito atraente. E Berlioz queria provar ao poeta que o mais importante não era como tinha sido Jesus, mau ou bom, mas que esse Jesus, como indivíduo, nunca existira e que todas as histórias sobre ele eram pura invenção, o mais vulgar dos mitos.

Devemos assinalar que o redactor era um homem de muitas leituras e citava habilidosamente no seu discurso os historiadores antigos, por exemplo o célebre Fílon de Alexandria, o brilhante erudito Flávio Josefo, que nunca disseram nem uma palavra acerca da existência de Jesus. Mostrando uma sólida erudição, Mikhail Aleksándrovitch informou o poeta, entre outras coisas, de que a passagem do Livro Quinze, no Capítulo 44 dos famosos *Anais* de Tácito, onde se fala de Jesus, não é mais que uma interpolação posterior e falsa.

O poeta, para quem tudo aquilo que o redactor dizia era novidade, escutava atentamente Mikhail Aleksándrovitch, fixando nele os seus olhos verdes, vivos e desenvoltos, e só de vez em quando soluçava, amaldiçoando em voz baixa o refresco de alperce.

— Não há uma única religião oriental — dizia Berlioz — em que, como regra, uma virgem imaculada não dê à luz um deus. E os cristãos, sem inventarem nada de novo, criaram do mesmo modo o seu Jesus, o qual de facto nunca existiu. E é isto que deve ser principalmente realçado...

A forte voz de tenor de Berlioz ecoava na alameda deserta, e, à medida que Mikhail Aleksándrovitch penetrava em labirintos onde só um homem muito culto se pode aventurar sem correr o risco de quebrar a face, o poeta aprendia cada vez mais coisas interessantes e úteis sobre o Osíris egípcio, o deus benfazejo, filho do Céu e da Terra, sobre o deus fenício Tamuz, sobre Marduque, e até sobre o menos conhecido e terrível deus Huitzilopochtli, outrora profundamente venerado pelos astecas no México.

E no preciso momento em que Mikhail Aleksándrovitch contava ao poeta como os astecas moldavam em massa de pão a figura de Huitzilopochtli, apareceu na alameda o primeiro transeunte.

Posteriormente, quando, para falar verdade, era já demasiado tarde, várias instituições apresentaram relatórios com a descrição desse homem. A comparação entre esses relatórios não pode deixar de causar estupefacção. Assim, no primeiro diz-se que ele era de baixa estatura, tinha dentes de ouro e coxeava da perna direita. No segundo, esse homem era de estatura enorme, tinha coroas de platina e coxeava da perna esquerda. O terceiro relatório informa laconicamente que o homem não tinha quaisquer sinais particulares.

Devemos reconhecer que nenhum desses relatórios tem qualquer utilidade.

Antes de mais, o homem descrito não coxeava de nenhuma das pernas e não era de estatura baixa nem demasiado alta, mas simplesmente alto. Quanto aos dentes, do lado esquerdo tinha coroas de platina e de ouro no lado direito. Vestia um fato caro cinzento, e usava sapatos estrangeiros da mesma cor. O boné cinzento caía-lhe ousadamente sobre a orelha, e debaixo do braço trazia uma bengala com castão preto em forma de cabeça de cão d'água. Aparentava ter pouco mais de quarenta anos. Tinha a boca um pouco torcida e estava muito bem barbeado. Era moreno. O olho direito era negro e o esquerdo, não se sabe porquê, era verde. As sobrancelhas eram negras, mas uma mais alta que a outra. Em suma, um estrangeiro.

Ao passar junto do banco onde estavam sentados o editor e o poeta, o estrangeiro olhou-os de soslaio, parou e, subitamente, sentou-se no banco próximo, a dois passos dos amigos.

«Alemão», pensou Berlioz.

«Inglês», pensou Bezdómní. «E de luvas, com este calor.»

O estrangeiro percorreu com o olhar os altos edifícios que formavam um quadrado em volta do lago, e era evidente que via aquele lugar pela primeira vez e que ele lhe interessava.

Deteve o olhar nos andares superiores cujos vidros reflectiam ofuscantemente o Sol fragmentado que abandonava Mikhail Aleksándrovitch para sempre, depois baixou-o para onde as vidraças começavam a escurecer com a noite, sorriu com ar superior, semicerrou os olhos, colocou as mãos sobre o castão da bengala e apoiou o queixo nas mãos.

— Tu, Ivan — disse Berlioz —, descreveste muito bem e em tom satírico, por exemplo, o nascimento de Jesus, filho de Deus, mas a questão está em que antes de Jesus nasceu toda uma série de filhos de deuses como, por exemplo, o Átis frígio. Em suma, nenhum deles nasceu e nenhum deles existiu, incluindo o próprio Jesus. E é preciso que tu, em vez do nascimento ou, digamos, da chegada dos Reis Magos, descrevas os boatos absurdos sobre esse nascimento... Ora do teu relato resulta que ele realmente nasceu!...

Então Bezdómní fez uma tentativa para acabar com os soluços, sustendo a respiração, o que o fez soluçar mais dolorosamente e mais alto, e, nesse mesmo instante, Berlioz interrompeu o seu discurso, porque de súbito o estrangeiro levantou-se e encaminhou-se para os escritores. Estes olharam-no atónitos.

— Desculpem, por favor — disse o homem, com sotaque estrangeiro mas sem deformar as palavras —, se, não vos conhecendo, tomo a liberdade... mas o tema da vossa erudita conversa é tão interessante que...

Tirou polidamente o boné, e os dois amigos não tiveram outro remédio senão levantarem-se e cumprimentá-lo.

«Não, deve ser francês...», pensou Berlioz.

«Polaco?...», pensou Bezdómní.

Deve-se acrescentar que desde as primeiras palavras o estrangeiro suscitou no poeta uma impressão de repulsa, enquanto Berlioz gostou dele, ou antes, não é que tenha gostado dele, mas... como dizer... despertou-lhe interesse, digamos.

— Permitem que me sente? — pediu com polidez o estrangeiro, e, involuntariamente, os amigos afastaram-se; o estrangeiro sentou-se entre eles e entrou de imediato na conversa. — Se bem ouvi, o senhor dizia que Jesus nunca existiu? — perguntou o estrangeiro, voltando para Berlioz o seu olho esquerdo, verde.

— Sim, ouviu bem — respondeu cortesmente Berlioz. — Foi precisamente isso que eu disse.

— Ah, que interessante — exclamou o estrangeiro.

«Mas que diabo quer ele?», pensou Bezdómní, franzindo as sobrancelhas.

— E o senhor concordou com o seu interlocutor? — inquiriu o desconhecido, voltando-se para a direita, para Bezdómní.

— Cem por cento! — confirmou este, que gostava de expressões rebuscadas e alegóricas.

— Admirável! — exclamou o interlocutor e, lançando olhadelas furtivas e baixando ainda mais a voz, disse: — Desculpem-me a impertinência, mas, ao que percebi, os senhores, para além do mais, também não acreditam em Deus? — Teve um olhar de espanto e acrescentou: — Juro que não digo a ninguém.

— É verdade, não acreditamos em Deus — respondeu Berlioz, sorrindo levemente do receio do turista estrangeiro —, mas podemos falar disso com toda a liberdade.

O estrangeiro recostou-se no banco e perguntou, numa voz meio esgançada de curiosidade:

— Os senhores são ateus?

— Sim, somos ateus — respondeu Berlioz, e Bezdómní pensou irritado: «Está grudado, este pato estrangeiro!»

— Oh, que coisa fascinante! — exclamou o atónito estrangeiro, e virava a cabeça olhando ora para um, ora para outro dos literatos.

— No nosso país, o ateísmo não surpreende ninguém — disse Berlioz diplomaticamente. — A maioria da nossa população deixou, conscientemente e há muito tempo, de acreditar em histórias sobre Deus.

Então o estrangeiro saiu-se com esta: pôs-se de pé e apertou a mão do assombrado editor, enquanto dizia estas palavras:

— Permita que lhe agradeça de todo o coração!

— Porque é que lhe agradece? — interrogou Bezdómní pestanejando.

— Por uma informação muito importante que a mim, como viajante, me interessa muito — explicou o estrangeiro excêntrico, erguendo um dedo significativamente.